



FRANCIENE SOARES

LILIANE MARIA DE OLIVEIRA

FUNDAMENTOS ÉTICOS: DESAFIOS NA FORMAÇÃO

LAVRAS – MG

2019

Franciene Soares

Liliane Maria de Oliveira

FUNDAMENTOS ÉTICOS: DESAFIOS NA FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Graduação em Pedagogia para a obtenção do título de Licenciadas.

Prof.Dr. Vanderlei Barbosa

Orientador

LAVRAS – MG

2019

*Dedicamos esse trabalho à “voz profética,
ao anjo bom, benfazejo e protetor”, que ressoa
dentro de nós, mostrando-nos o melhor caminho.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por ter nos dado forças e saúde para chegarmos ao estágio que estamos. Em segundo às nossas famílias, que por mais que as vezes não compreendessem nossas questões da faculdade, nos ampararam. Temos em nós também um sentimento muito grande de gratidão pelos educadores que passaram por nossas vidas, em especial os docentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras, e com destaque ao nosso orientador Vanderlei Barbosa.

Aos amigos, colegas, principalmente os do ônibus, que durante os quatro anos e meio fizeram o mesmo percurso que nós, de nossas cidades (Perdões e Nepomuceno) até Lavras. Aos colegas de trabalho, e a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a concluirmos essa etapa tão importante em nossas vidas.

*“É que a gente precisa, sim, do outro pra viver. E é aí
que exercitamos uma das coisas mais bonitas dessa vida: A humanidade”*

Clarissa Corrêa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	9
3. COMO A PEDAGOGIA PODERÁ CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO ÉTICA?	13
4. HUMANIZAÇÃO E ÉTICA	15
CONSIDERAÇÕES FINAS	19
REFERÊNCIAS	20

FUNDAMENTOS ÉTICOS: DESAFIOS NA FORMAÇÃO

Resumo

Neste trabalho, intitulado *Fundamentos éticos: desafios na formação*, temos como objetivo, analisar como a pedagogia pode contribuir para a formação e o desenvolvimento do sujeito ético. Buscamos conceituar as ideias pedagógicas em diferentes períodos da história, ancoradas em Moacir Gadotti, também refletir sobre os desafios pedagógicos fundamentadas em Paulo Freire, e definir o conceito de ética apoiadas de Leonardo Boff. Como procedimento metodológico, fizemos uma revisão bibliográfica sobre a literatura mencionada anteriormente. Concluimos com este trabalho que a educação é essencial para formação de um sujeito ético/humanizado, que se caracteriza como um ser racional, mas que também ama, cuida, se responsabiliza e se compadece.

Palavras-chave: Ética. Pedagogia. Sujeito Ético. Educação. Escola.

Abstract

In this paper, entitled *Ethical foundations: challenges in education*, we aim to analyze how pedagogy can contribute to the formation and development of the ethical subject. We seek to conceptualize the pedagogical ideas in different periods of history, anchored in Moacir Gadotti, also reflect on the pedagogical challenges based on Paulo Freire, and define Leonardo Boff's concept of supported ethics. As a methodological procedure, we made a literature mentioned above. We conclude from this work that education is essential for the formation of an ethical/humanized subject, who is characterized as a rational being, but who also loves, cares for, takes responsibility and sympathizes.

Keywords: Ethic. Pedagogy. Ethical subject. Education. School.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema para a realização deste estudo resultou de muitos estudos, interrogações e observações. Percebemos que a discussão entre humanização e ética têm permeado nossos estudos, nossa prática, trajetória acadêmica, social e profissional. A partir de estudos sobre o tema podemos considerar que a educação na contemporaneidade, não deve se desvincular do processo de humanização do sujeito, uma vez que a construção deste sujeito se faz em meio as relações sociais, que acarreta mudanças e transformações advindas de uma construção coletiva do ser humano.

Assim, em meio a esta construção coletiva, um aspecto que também se mostra relevante na construção do sujeito é a ética, está por sua vez, segundo Boff (2003), historicamente é derivada de duas culturas, religião e a razão, onde ambas são bases de uma ética instituidora da humanidade do ser humano.

Justifica-se este trabalho a urgência de uma práxis educativa que supere a formação no sentido meramente técnico e recoloca outras dimensões importantes da educação no sentido integral. O contexto de obscurecimento ético que vivemos hoje nos desafia a recolocar a questão axiológica como base de uma civilização digna deste nome.

A escola, nessa perspectiva, tem a responsabilidade de contribuir na formação de sujeitos éticos, juntamente com a família e toda sociedade. Esta formação deve-se dar desde a infância, mas com "enfraquecimento" das instituições (família, escola, religião, e política), a formação ética não tem sido contemplada na visão pragmática e tecnicista que tem predominado nos currículos que visam mais preparar para o mercado de trabalho que para a cidadania.

Soma-se a isso, o grande avanço das tecnologias e os inúmeros meios de entretenimento, por exemplos, mídia, a internet, as redes sociais que seduzem as crianças e adolescentes com excesso de informações, mas com pobreza de conhecimento. Daí o desafio da educação de criar possibilidades de formação que possa assegurar ao lado da formação técnica a formação com densidade ética.

Como a Pedagogia pode contribuir para a formação e o desenvolvimento do sujeito ético? Essa foi a questão norteadora que nos acompanhou durante a pesquisa, na qual tentamos conceituar as ideias pedagógicas em diferentes períodos da história, ancoradas em Moacir Gadotti, refletiremos sobre os desafios pedagógicos fundamentadas em Paulo Freire, e definiremos o conceito de ética a partir Leonardo Boff. Além desses referenciais teóricos,

buscamos também na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988) conhecer a função social da escola, em relação a formação ética dos discentes.

É pensando nas formas de edificar o saber ético nas escolas que esse artigo se ocupa de fazer uma revisão bibliográfica, tendo como base norteadora para esses estudos os referenciais acima mencionados. Considerando a importância, primeiramente, de saber um pouco sobre o que pensam, trazendo algumas de suas atuações, principalmente para o campo da educação.

1. SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A sociedade contemporânea¹ é marcada por mudanças significativas em todas as esferas, inclusive a educacional. A cada dia vemos emergir novos paradigmas que se anunciam como globalização, pós-modernidade, hiper-modernidade, pós-democracia, pós-metafísica, modernidade líquida, dentre outros. Neste cenário de grandes mutações, os valores humanos fundados na solidariedade são colocados em questão e a sociedade de consumo vai instituindo novos valores pautados no individualismo e no relativismo. Como consequência, temos o obscurecimento do horizonte ético, onde é difícil para a grande maioria da humanidade saber o que é certo e o que não é certo.

Considerando a atual condição da sociedade contemporânea, é preciso refletir como estas mudanças sociais, a construção e reconstrução de tantos paradigmas, afetam significativamente a formação do indivíduo que vive em meio a constantes desafios a todo o momento.

BAUMAN (1999) aponta que a sociedade atual, é uma sociedade líquida², fluida, e diz: “líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo.[...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.”(BAUMAN, 1999, p.8). Esse paralelo de metáforas que o autor faz, evidencia que nossa sociedade é descompromissada, valoriza coisas passageiras, quando se compromete a algo durável, fica entediada. Trata como “objeto” o meio ambiente e até as relações pessoais, e todas essas características dificultam a formação de um sujeito ético sustentável.

¹ Sociedade contemporânea: é a sociedade que vivemos hoje.

² BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 17 p. Disponível em:https://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/trecho_BAUMAN_ModernidadeLiquida.pdf>. Acesso em: 7 de nov. 2019.

Desse modo, diante desta sociedade mutável onde as relações sociais se entrelaçam diariamente aparece a urgência de colocar a ética como referência de uma educação emancipadora. Segundo Gadotti, a educação é uma especificidade humana, o que nos difere dos demais animais. É através dela que as relações culturais são construídas e deslocadas para as particularidades da espécie. Eis suas palavras:

A educação é a prática mais humana, considerando-se a profundidade e a amplitude de sua influência na existência dos homens. Desde o surgimento do homem, é a prática fundamental da espécie, distinguindo o modo de ser cultural dos homens do modo natural de existir dos demais seres vivos (GADOTTI, 2006, p.11).

O autor aponta a diferença que há entre nós seres humanos e os demais seres vivos. Essa diferença é evidenciada nas ações, formas de viver, de conviver e relacionar no planeta. Para o autor os demais animais são naturais, instintivos, já nós seres humanos, somos seres culturais e nos desenvolvemos, nos formamos, por meio da educação.

Refletindo sobre as diversas formas de vida e culturas construídas pelo ser humano, o processo educacional é um fator primordial para as relações sociais de diferentes povos. Assim, cabe analisar como a educação aparece em meio às diversidades de culturas, costumes entre outras, onde o educar, o ensinar passa a fazer parte de diversos contextos considerando as características do grupo e, ao mesmo tempo construir novos conhecimentos.

Para o educador Rubem Alves (2003, p. 51) educar “é ensinar a ver e ensinar a pensar.” É primeiramente ensinar as crianças a serem elas mesmas e em segundo ensinar a conviver bem com o meio e a diversidade. Ensinar a olhar e fazer questionamentos, pois segundo o autor: “Pensar é voar sobre o que não se sabe.”. O mesmo autor ainda acrescenta que a escola não deve ensinar as respostas, mas também ensinar o aluno a questionar, pois, as respostas prontas e acabadas são fatais, destroem os pensamentos, já as perguntas permitem entrar pelo mar desconhecido.

Este mar desconhecido seria o aluno ter condições de desenvolver sua consciência crítica, sua autonomia e assim alcançar um processo de emancipação humana. Assim, o ensinar deve centrar na reflexão, na criticidade e na emancipação dos sujeitos, onde os mesmos tenham uma mudança de comportamento e atitudes que influenciem a sociedade coletiva.

A partir dessas perspectivas de educação e do ato de educar, para apresentar as ideias pedagógicas que marcaram nossa sociedade até os dias atuais, nos ancoramos em Moacir Gadotti (2006), que analisa os diferentes períodos da história da educação, e apresenta diferentes concepções pedagógicas e filosófico-educacionais.

As ideias pedagógicas greco-romanas³ baseavam-se na Paidéia, formação integral dos homens e tinham o objetivo de formar sujeitos éticos e políticos. Essa formação se constituía através dos níveis de ensino na escola: nos primeiros anos ensinavam a escrita, a leitura do alfabeto, e a fazer cálculos. Mais adiante iniciava os estudos científicos, literários, a educação física e as artes. E, por fim, no ensino superior estudava-se a filosofia e a retórica.

Na sequência, após as invasões bárbaras do século IV a. C, salienta Gadotti (2006) que houve um bloqueio da influência greco-romana, a educação que antes era fundamentada no heroísmo e nos valores terrenos baseou-se em um novo sistema de ideias. “Foi o emergir do cristianismo que vai marcar o período pedagógico medieval⁴, amparado nos ensinamentos de Cristo, através de “parábolas” que eram ligadas “à vida”. A educação medieval também é marcada pelo início da chamada “escolástica, que procura conciliar a razão histórica com a fé cristã”(GADOTTI, 2006, p.55)

Com o passar dos anos a educação greco-romana ressurgiu, a valorização do corpo, a educação com métodos práticos. Houve grandes acontecimentos históricos nessa época, a primeira grande revolução burguesa considerada por Engels, como citada por GADOTTI (2006) foi a Reforma Protestante, e teve grande impacto na educação, pois com a Reforma, a escola foi transferida para o controle do Estado nos países protestantes, mas essa educação ainda não era pública, era constituída uma “*escola pública religiosa*”, que ofertava formação burguesa a elite, e formação catequética a população.

Nesse período do pensamento moderno⁵ houve uma grande mudança social, com o surgimento de uma nova classe, contrária ao modelo feudal, devido a abrangência das navegações e indústrias. Essa classe baseava-se no estudo da natureza e se tornou mais racional, a fé cristã transformou-se em fé na ciência.

Com a Revolução Francesa, os iluministas lutavam em favor das liberdades individuais. Com as ideias iluministas que reivindicavam pela liberdade individual “o ideal de vida era o “bom selvagem”, livre de todos os condicionamentos sociais”(GADOTTI, 2006, p.88). Desde então a educação não baseava-se somente em doutrinar/ensinar, mas permitir que a criança pudesse fazer desabrochar sua natureza, criando um novo modelo de escola.

A teoria da Escola Nova⁶, muitos educadores defendiam diferentes ideais pedagógicas, mas todas evidenciavam os interesses da sociedade burguesa, e buscavam aumentar o rendimento das crianças, valorizando a atividade espontânea, prática, e auto- formação das

³ Ideias pedagógicas greco romanas, século V a.C..

⁴ Período Pedagógico Medieval, século I a.C..

⁵ Período do pensamento moderno, século XVI d.C..

⁶ Teoria da Escola Nova, século XIX d.C..

mesmas. E essa escola “deveria preparar os jovens para o trabalho, para atividade prática, para o exercício da competição.”(GADOTTI, 2006, p.144)

Na sociedade brasileira, a partir do pensamento pedagógico progressista de Paulo Freire, é que se inicia um processo de educação na perspectiva da transformação tanto no âmbito formal quanto no âmbito informal.

As liberdades democráticas foram respeitadas, o movimento educacional pegou novo impulso distinguindo-se por dois grandes movimentos: o movimento por uma educação popular e o movimento em defesa da educação pública, o primeiro predominante no setor da educação informal e na educação de jovens e adultos, e o segundo mais concentrado na educação escolar formal (GADOTTI, 2006, p.233)

Para pensar na efetividade de uma educação ética-política progressista, refletia-se sobre a necessidade da junção dos dois movimentos, e que somente o Estado poderia proporcionar amparo necessário, para minimizar o atraso educacional no país, juntamente com uma sociedade organizada comprometida.

Segundo Gadotti duas tendências demarcam o pensamento pedagógico brasileiro: a progressista e a liberal. A educação liberal defende “a liberdade de ensino, de pensamento e de pesquisa, os métodos novos baseados na natureza da criança. Segundo eles o Estado deve intervir o mínimo possível na vida de cada cidadão particular.”(GADOTTI, 2006, p.237) Já a educação progressista defende “o envolvimento da escola na formação de um cidadão crítico e participante da mudança social” (GADOTTI, 2006, p.238)

GADOTTI(2006) apresenta algumas perspectivas da atualidade, duas delas é a da educação tradicional e a da educação nova, o autor aponta que por mais que elas sejam antagônicas, neste século as duas concebem a formação individual e pessoal nos processos de desenvolvimento de um aluno, e acredita que não existe idade para educação, que ela não é neutra e também se estende durante toda vida. O autor aponta um deslocamento que está acontecendo espelhado na educação dos países socialistas, é o “deslocamento da formação puramente individual do homem para o social, o político, o ideológico”(GADOTTI, 2006, p.268)

O autor também ressalta que a educação tradicional sustentava que o ato educativo era reproduzir a cultura e valores da sociedade. No entanto, posteriormente houve uma crise onde a educação e a sociedade rompeu a comunhão que havia entre elas. Assim, muitas foram as respostas advindas dessa crise do sistema tradicional de ensino. Após o ocorrido, formaram-se três grupos de respostas.

- O primeiro grupo apontava o autoritarismo escolar, a negação das relações interpessoais, o ensino mecânico, a falta de formação continuada, o desconhecimento da realidade, distanciamento entre educação e política, entre outras.
- Já o segundo grupo apontava respostas não autoritárias, “passando pela perspectiva marxista e pela desescolarização”(GADOTTI, 2006, p.269) e acreditava que as concepções eram ilusórias, pois a gestão pedagógica não resolveria os problemas sociais, e acabava “desistindo de qualquer solução: a escola é culpada pela sua própria existência.” (GADOTTI, 2006, p.269).
- E o terceiro pensa na “superação integradora das ilusões”. Essa superação encontra-se na *escola viva*, concreta, formadora da personalidade política, social, ativa, científica, socialista. E conclui: “só a crítica que se converte em práxis escapa da ilusão.”(GADOTTI, 2006, pág.269) Gadotti coloca que para escapar dessas ilusões um bom caminho é tomar consciência da crise, tanto educacional, quanto social, que não se segregam e encará-las.

Diante do exposto, percebemos que, após rompimento entre a escola e sociedade, as respostas provocadas demonstraram ideais totalmente antagônicos onde teve aqueles que descreditavam na concepção de educação meramente reprodutivistas, outros que tiveram descredito por meio do processo de escolarização e a última resposta que acredita na educação capaz de transformar o indivíduo com características fortes de superação de um ato educativo alienado.

2. COMO A PEDAGOGIA PODERÁ CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO ÉTICA?

Partindo de que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no artigo nº 205, determina a educação como direito de todos e dever do Estado e da família. E afirma categoricamente que a tarefa da educação visa o desenvolvimento pleno da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Ou seja, é tarefa primordial da educação formar plenamente o sujeito e prepará-lo para atuar na sociedade exercendo sua cidadania.

Construir uma pedagogia transformadora que contribui para formação desse sujeito, cidadão, qualificado para o trabalho e ético, é um desafio para todo educador e educadora e, a

partir desse ideal, Paulo Freire no seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, traz vinte e sete exigências sobre o que é ensinar e nos conduz a uma reflexão criativa, corajosa e esperançosa. Os fundamentos dessa pedagogia têm como princípios a ética, o respeito à dignidade dos educandos e desperta a consciência do educador que ele também é um aprendiz e não um depositante de conhecimento.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não reduzem à condição de objeto um do outro. (FREIRE, 2015, p. 25)

Ao longo da história, homens e mulheres foram percebendo que fez/faz necessário desenvolver maneiras e formas de ensinar, a necessidade de perpetuar o conhecimento de uma geração para a outra, como forma de sobrevivência, perpetuação de culturas de povos, mas que essa maneira de ensinar não seja trabalhada a educação bancária que Paulo Freire tanto fala em seus textos, mas, na forma dialética de construção de saberes e reconhecermos, como educadores, sermos para sempre aprendizes, respeitando os saberes dos educandos.

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado” vai gerando coragem. (FREIRE, 2015, p. 45)

O professor democrático é aquele que desperta a curiosidade dos estudantes e que encoraja os questionamentos, os debates e as críticas dos alunos ao conteúdo da matéria e cria um ambiente para uma aprendizagem crítica e reflexiva dos sentimentos que gera coragem.

Na perspectiva de Paulo Freire, ensinar exige estética e ética. Primeiramente, devemos construir algo bem feito e bonito de se ver e, também, ético por que deve estar pautado em valores e princípios que norteiam a vida social dos educadores e educandos e por isso o ato educativo deve ser um ato político, porque somos seres sociais e necessitamos construir uma sociedade harmoniosa e ética.

Somos seres históricos – sociais capazes de comparar, valorizar, intervir, escolher, decidir, romper e por isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE, 2015, p. 19)

É profundamente importante que os alunos compreendam as diferentes compreensões dos fatos. É importante que eles acessem várias interpretações, nas mais diversas disciplinas,

para que eles tenham condições de formar as suas próprias ideias e criar possibilidades para a construção de seus conhecimentos. E, uma boa formação se revela na capacidade dos alunos interpretarem, relacionarem e transformarem esses conhecimentos e aplicá-los a vida. E para isso é preciso conviver com as divergências e ter consciência das contradições presentes em todo o saber. Por isso é fundamental que os alunos percebam o respeito e a liberdade com que o professor analisa e critica as ideias e perspectivas do outro.

A educação é carregada de ideias, portanto, ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica e essas ideias devem ser de transformação do nosso mundo ao qual tanto precisamos. Ensinar também se pauta no diálogo, tendo como ponto chave, Paulo Freire vê no diálogo a capacidade de conversar com o aluno, ouvi-lo, e discutir diversos assuntos sem impor a sua ideia, de maneira agradável, ética e igualitária.

Nessa perspectiva ética, educar exige querer bem aos educandos, é torcer para que tudo dê certo e acreditar, é ser sério e afetuoso, é, segundo BARBOSA (1998, p. 49), desenvolver “o conhecimento com paixão, tendo como meta não a mera instrução, mas a aprendizagem no seu sentido global, desenvolvendo habilidade de forma criativa, rigorosa e competente”, influenciando de forma prática a sua postura ética e humana.

3. HUMANIZAÇÃO E ÉTICA

Dissertar sobre humanização e ética significa entrar em um campo de discussão permeado de conflitos e diferentes pontos de vista que por sua vez, acarreta uma série de dúvidas a respeito destes conceitos. Assim, analisando os dois conceitos é possível afirmar que embora os mesmos apresentem grande relevância na formação dos sujeitos, os mesmos não acontecem sem um ato educacional desde a antiguidade, e sendo ainda mais importante na contemporaneidade.

É comum em meio ao debate educacional a discussão sobre o processo da formação humana, onde a escolarização pode vir a contribuir com a formação do indivíduo mais humanizado. Desse modo, é possível que a humanização do sujeito venha por meio de um ato educacional?

Sabemos que a humanização se faz através das relações onde permite mudanças e evoluções, estas relações são resultados do fazer humano. Diante disso, a educação torna-se base fundamental para a construção do homem. Para FREIRE(1967) não se pode encarar a educação a não ser como um fazer humano, fazer este, que ocorre no tempo e no espaço, entre os homens, uns com os outros, “disso resulta que a consideração acerca da educação como um

fenômeno humano nos envia a uma análise, ainda que sumária, do homem” (FREIRE, 1967,p. 1).

Diante do exposto, a educação ganha relevância na construção da humanização e a ética. Para Freire(1967) a humanização e desumanização, são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Diante da fala do autor, a incompleticidade do homem pode vir a se tornar completa através do ato educacional, onde o mesmo consciente da necessidade de construção de conhecimento abre espaço para a construção do homem.

No entanto, ainda de acordo com Freire (1967. p. 4)

Uma educação só é verdadeiramente humanista se, ao invés de reforçar os mitos com os quais se pretende manter o homem desumanizado, esforça-se no sentido da desocultação da realidade. Desocultação na qual o homem existencialize sua real vocação: a de transformar a realidade. Se, ao contrário, a educação enfatiza os mitos e desemboca no caminho da adaptação do homem à realidade, não pode esconder seu caráter desumanizador.

A partir da citação, entendemos que a educação deve priorizar primeiramente a realidade do sujeito dando condições de superação e ao mesmo tempo agir e transformar o seu meio pela construção do conhecimento. Freire (1967, p. 5) reconhece que o “homem se faz homem na medida em que, no processo de sua hominização até sua humanização, é capaz de admirar o mundo, É capaz de, despreendendo-se dele conservar-se nele e com ele; e, objetivando-o, transformá-lo”.

Diante do postulado, é possível evidenciar que o homem desde o nascimento passa por processos evolutivos que o autor acima chama de “hominização” e na medida em que ele se relaciona com o meio com capacidade de pensamento reflexivo e com atitudes ativas acontece o processo de humanização.

Tendo em vista a importância do ato educacional para a formação do homem nesta seção após um conciso diagnóstico da sociedade contemporânea e de uma breve contextualização histórica da educação, almejamos desenvolver os conceitos de humanização e ética que na nossa concepção são os pilares de uma autêntica educação. Humanizar é segundo o dicionário da Língua Portuguesa (2011), “Humanizar: tornar humano; dar condição humana a; tornar benévolo, afável; fazer adquirir hábitos sociais polidos; civilizar”.

A ética, segundo Boff, historicamente deriva de duas culturas: religião e a razão. Ambas são bases de uma ética instituidora da humanidade do ser humano. Desde os gregos

até nossos dias essas duas fontes sustentaram os valores de sociabilidade, de cooperação e de cuidado que constituíram nossa cultura ocidental.

As religiões são fontes da ética, pois nos permite a desenvolver um acordo ético mínimo. Nelas estão concentradas a força que move e estimula as pessoas e as sociedades. É a faculdade capaz de manter a humanidade unida e preservar os processos sociais e ecológicos. “As religiões representam o ethos que ama e cuida”.(BOFF, 2003, p.28)

Desde a razão crítica no século VI a.C., esforçou se para definir “Códigos éticos universalmente válidos”, mas desde os mestres gregos, essa definição ética, elencada na razão, ainda está em aberto e representa o “ethos que procura”.

Além de ambas as fontes, a ética origina-se de algo mais profundo, elementar, ancestral e existencial, que, segundo Boff(2003), é um lugar de raízes, de onde nascem os valores, e não reside na razão, mas sim na paixão: o afeto,

[...]se abre para baixo, de onde emerge de algo mais elementar e ancestral: a afetividade. Abre –se para cima, para o espírito, que é o momento em que a consciência se sente parte de um todo e que culmina na contemplação e na espiritualidade. Portanto, a experiência de base não é “penso, logo existo”, mas “sinto, logo existo”. Na raiz de tudo não está a razão (logos), mas sim a paixão (pathos). (BOFF, 2003, p. 32)

Essa paixão reside onde são guardados os sentimentos, como o afeto, o amor, mas a paixão precisa de prudência, por isso é necessário o auxílio da razão, para que não seja hedonista e nem utilitária. Esse equilíbrio surgirá uma ética promissora: a ternura e o vigor. Essas duas qualidades são princípios suficientes para abarcar um “humanismo sustentável fundado na materialidade da história e na espiritualização das práticas humanas. É o ethos que ama, cuida, se responsabiliza e se compadece”(BOFF, 2003, p. 32)

Com o obscurecimento do horizonte ético, frutos da sociedade contemporânea, o autor, acima compara a crise atual ética com a dos gregos, quando no século VI a.C. surgiu a razão crítica e, para melhor compreensão utilizaremos de dois termos gregos: o ethos⁷ e o daimon⁸.

⁷ Ethos: Conjunto das relações que o ser humano estabelece com o meio natural, separando um pedaço dele, para que seja sua morada com os que habitam na morada,[...] Morada é tudo isso, portanto algo não material, mas existencial e globalizante, um modo de ser das coisas e das pessoas (BOFF, 2005, p. 34)

⁸ Daimon: “é voz da interioridade, aquele conselheiro da consciência que dissuade ou estimula, aquele sentimento do conveniente e dos justo nas palavras e nos atos que se anuncia em todas as circunstâncias da vida, pequenas ou grandes.” (BOFF, 2005, p. 32).

Trabalharmos o daimon para melhoria do ethos possibilita a construção de sujeitos globalmente éticos. Mas o daimon foi esquecido, segundo o autor, e substituído os chamados “sistemas éticos, com normas e leis tidas por universais”(BOFF, 2003, p.35). E o que aconteceu com a ética? Ela foi institucionalizada como um manual, as pessoas passaram a obedecer leis e normas exteriores e não mais ouviram a voz interior, para o domínio psicológico ou de dimensionamento social.

Quanto mais estrutural é o sistema, mais se distancia o daimon, até considerá-lo inexistente ou reduzi-lo a uma sobra dos mecanismos de controle psicológico ou do enquadramento social. Mas como o daimon é inseparável do ser humano, “a voz desse anjo bom não deixa de falar. Pode ser confundida com as mil outras vozes dos formuladores, das religiões, das igrejas, dos estados e de outros mestres. Mas ele é soberano e sua voz persistente.” (BOFF. 2003, p. 36)

O daimon, embora tenha sido abandonado, ele faz parte da essência do ser humano, ele está no mais profundo do ser. A história relata pessoas que ouviram a voz do daimon e deixaram serem dirigidos por ele como os “profetas, Isaías e Amós, Jesus Cristo, Buda, Sócrates, Francisco de Assis, Gandhie tantos outros anônimos, homens e mulheres” (BOFF, 2003, p.35). Como essas pessoas, devemos libertar o daimon dentro de nós e permitir que ele nos oriente, nos direcione, para que consigamos enfrentar as dificuldades dos nosso tempo, como todas as mazelas ecológicas e humanas.’

Após trazermos a originalidade da ética, é importante destacar os diferentes conceitos entre ética e moral. E, para um melhor entendimento, faremos essa distinção a partir de Boff. Ele diz:

A ética é parte da filosofia. Considera concepções de fundo acerca da vida, do universo, do ser humano e de seu destino, estatui princípios e valores que orientam pessoas e sociedades. E a moral é parte da vida concreta. Trata da prática real das pessoas que expressam por costumes, hábitos, e valores culturalmente estabelecidos. Uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados. Estes podem, eventualmente, ser questionados pela ética. Uma pessoa pode ser moral (segue os costumes até por conveniência) mas não necessariamente ética (obedece a convicções e princípios). (BOFF, 2003, p.37).

A partir dessas definições podemos constatar que uma pessoa pode ter moral, ou seja, obedece a costumes por convenção, mas não necessariamente ser ética, obedece a convicções e princípios.

A ética e a moral, são muitas vezes utilizadas, tanto no vocabulário comum, quanto no culto como conceitos semelhantes. No entanto o autor explica que são antônimas, pois a

moral é: “a prática real das pessoas que se expressam por costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos.” (p.37).

CONSIDERAÇÕES FINAS

Retomando o percurso da pesquisa, conceituamos as diferentes ideias pedagógicas em diferentes períodos da história, tentando identificar nelas, quais períodos buscavam formar sujeitos plenos (éticos, políticos e sociais). Detectamos que a ideia pedagógica grega romana, pautada na razão mística e na religiosidade, contribuiu para a formação desses sujeitos: conscientes, cooperativos, éticos, políticos e sociais.

No contexto atual Contemporâneo, onde as relações são cada vez mais virtuais, líquidas e capitalistas, voltadas para a lógica do mercado, pautadas na “fé na ciência”, desgastam as relações pessoais, tornando os sujeitos cada vez mais individualistas, competitivos, injustos e indiferentes com as causas da sociedade.

Nessa perspectiva, o nosso intuito nesse trabalho foi pensar como a pedagogia pode contribuir com a formação de um sujeito ético, cooperativo, justo, e emancipado. Permeadas pelos autores Paulo Freire e Boff, pudemos perceber que a ética não está desvinculada da humanização e, somente será possível que ambos processos aconteçam, através da educação, onde o homem “consciente da sua incomplexidade, pode vir a se tornar completo através do ato educacional”(FREIRE, 2015, p.19).

Nesse cenário, é relevante destacar o quanto é importante a formação continuada do educador, a busca contínua de novos conhecimentos e experiências, a busca por ser cada vez mais humano e ético, pois muitas vezes os docentes são exemplo para seus discentes. Também o planejamento de aulas, atividades, projetos que evidencie as questões sociais, para juntamente com os discentes olhar para as situações e discutir sobre, e concomitantemente dar mais voz aos seus alunos, tornando assim uma práxis educativa emancipadora.

E, também, nessa proposta de formação de uma educação autêntica, que vimos relevância em escutar a voz profética do daimon, e a busca na espiritualidade é que contribuíra para a construção de um sujeito ético humanizador.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas: Verus, 2003. p. 51-56.
- BARBOSA, Vanderlei. Avaliando o papel do Educador frente aos desafios de uma sociedade em processo de mudança acelerada. *Revista de Educação*. PUC Campinas. V.3, N.5, p. 46-50, Nov, 1998. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/436/416>. Acesso em: 14 de Nov. de 2019.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 17 p. Disponível em:https://zahar.com.br/sites/default/files/arquivos/trecho_BAUMAN_ModernidadeLiquida.pdf. Acesso em: 7 de nov. 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário escolar da língua portuguesa: academia brasileira de letras**. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BOFF, Leonardo. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 03 de nov. 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 52 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. Papel da educação na humanização. Chile, 1967. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/Freire,%20Paulo%201969%20Papel%20da%20educacao%20na%20humanizacao.pdf> . Acesso em: 6 de nov. 2019.
- GADOTTI, Moacir. **Histórias das ideias pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.